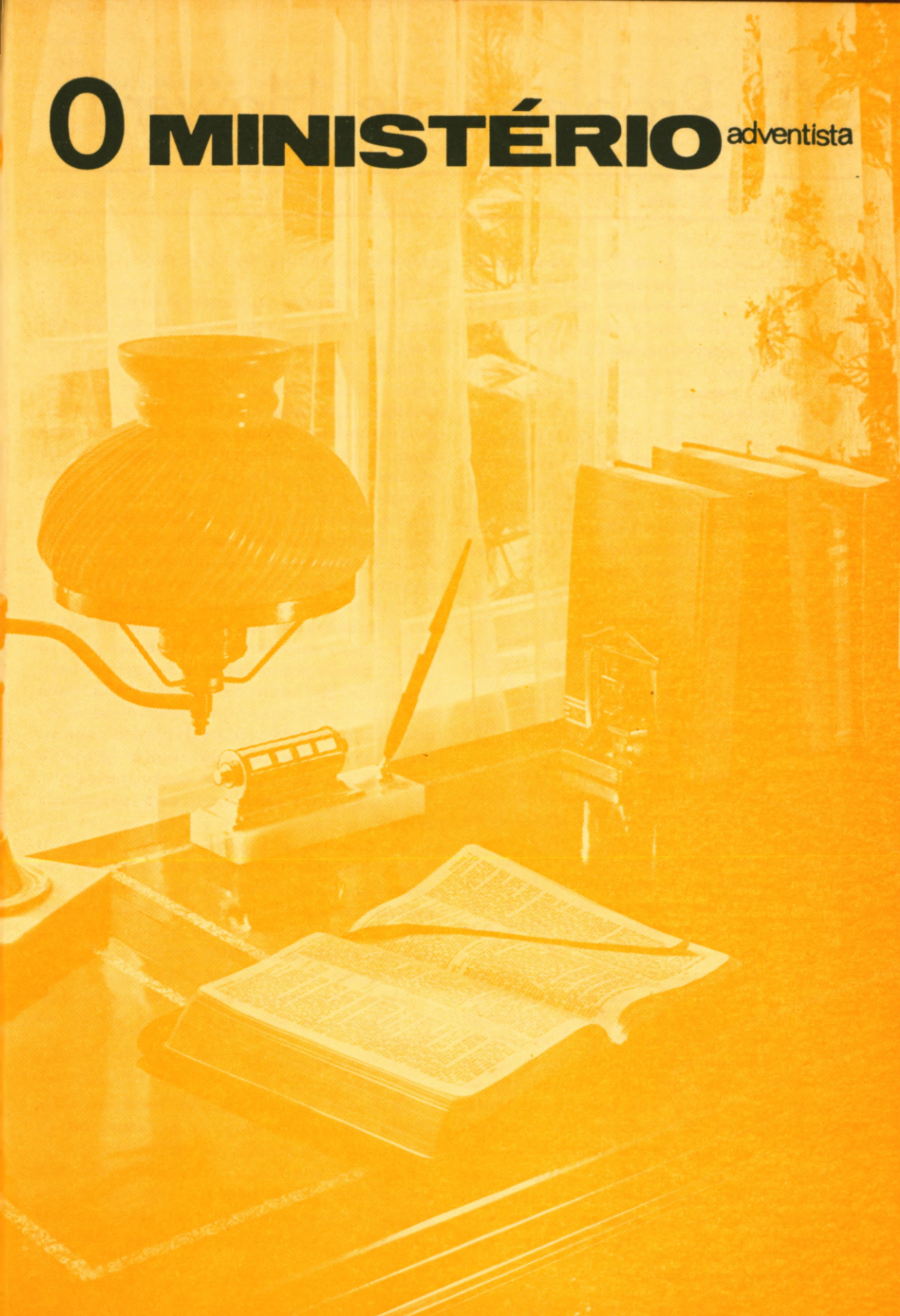


O MINISTÉRIO adventista



O Problema de Howard

ROBERT H. PARR

Redator de Signs of the Times da Austrália

O "*The Catholic Leadr*" de 25 de março de 1973, imprimiu uma carta de um jovem que simplesmente se assinava "Howard". Falta-nos a carta, mas gostaríamos de reproduzi-la de "*The Protestant Review*", que também a publicou em abril do mesmo ano. Eis a carta:

"Caro Padre Fox:

"Li seu artigo sobre por que os jovens não vão à missa. Gostaria de expressar meus sentimentos sobre a questão de atendimento à missa na igreja católica. Antes de tudo, sou um estudante católico de 19 anos, que está confuso. Vou ser franco, mas sincero e honesto.

"A missa deixa-me completamente deslocado, porque estou cansado, enjoado de ir à missa para que meus pais se sintam felizes em atenção à sociologia. Tenho muito de sociologia na escola. Além disto, metade dos sacerdotes falam mal, sem vida, dando sono na metade dos ouvintes.

"Cada domingo parece que a igreja só está falando em dinheiro, pedindo dinheiro. Ora, eu compreendo que a igreja deve ter um pesado orçamento, como nossa paróquia teve ao instalar um aparelho de ar condicionado. A igreja está também tão ocupada com coisas materiais e sociais, que chega a esquecer a alma humana.

"Tenho procurado várias vezes um sacerdote para pedir-lhe auxílio espiritual. Ninguém me prestou até agora qualquer ajuda, exceto meus amigos. Um sacerdote propôs-me uma solução para meus problemas. Disse-me que esquecesse as garotas, fosse para um colégio distante, e me dedicasse com afinco aos estudos. É esta a resposta para a felicidade?

"Perguntei a um padre o que acontece quando a gente morre. Ele me respondeu que não sabia, que ninguém jamais voltara para nos dizer. Pode parecer que

estou exagerando, mas não estou; é como aconteceu.

"Quis estudar a Santa Bíblia, e falei sobre isto aos sacerdotes de minha paróquia, mas eles me desapontaram. Nada tinham para me oferecer. Eles têm a classe CCD, de estudos, a qual eu frequento. Oh, eles nos deixam pintar alguns quadros, fazer algum trabalho manual, e de quando em quando vêm ali alguns ex-alcoólicos para nos falar sobre bebidas, e dizer 'não, não, não'. Jamais ouvi o nome de Jesus. Nunca ouvi qualquer referência às Escrituras. As classes CCD não são mais do que um lugar para a gente passar algum tempo de lazer.

"Nosso pároco tem um clube de juvenis, e temos também divertimentos. Mas onde posso encontrar o caminho para o Céu? Onde posso achar a Jesus? É uma vergonha que não exista ali nada para ser oferecido como uma classe de estudos bíblicos em vez de atividades sociais. Deve haver algo errado com a igreja, e penso que pode ser o que estou indicando. Mas que bem irá fazer esta esquecida carta?

"A maioria das pessoas que assistem à missa regularmente estão cheias de hipocrisia. Com cristãos, pelo menos supostamente, devem dar exemplo aos outros. Certo eles fazem pouco disto, e deixam o seu amor pelo próximo na igreja quando a missa termina.

"Algumas vezes sinto-me em verdadeiro estado de agonia e quase chego ao choro.

Sinceramente,
Howard.

"P.S. A igreja tem-se modernizado. Creio ser tempo que as pessoas, ou os que estão dormindo, despertem".

Isto não vos toca o coração? Não vos faz sentir um pouco melhor saber que outras igrejas também têm seus críticos internos? Não vos faz um tanto culpados

saber que temos justamente o programa que este jovem procura? Esperais que o restante deste artigo se ocupe em apontar os descaminhos da igreja católica romana? Se esperais que qualquer das perguntas acima seja sim, então é mais do que tempo de vos despertardes, pois está claro que nem todos os que estão dormindo se assentam nos bancos da igreja católica.

Não é nosso propósito examinar aqui as fraquezas da igreja católica. Nosso propósito é, antes de tudo, procurar levantar nossas próprias normas. Devemos ter em conta que há em nossas próprias fileiras jovens que estão também ansioso por um caminho para o Céu e não o encontram! Há em nossa comunhão jovens que olham para os adoradores regulares e sentem que não há outro nome com que classificá-los senão como hipócritas. Há jovens entre nós que vão ao ministério em busca de auxílio e voltam vazios, famintos como antes pelo Pão da Vida. Há jovens (e outros de mais idade também) que vão a nossas igrejas esperando ouvir palavras de vida, mas ouvem apenas sociologia, psicologia, ou alguma outra logia qualquer ... ou pregações em que o centro é o eu do próprio pregador, ou ouvem algum pregador que confunde o púlpito com palco, e fazem de contínuo gracejos ao longo do sermão, provocando riso vulgar.

Certamente que se este jovem Howard tivesse vindo a nossa igreja, receberia uma Bíblia de presente, e a Escola Sabatina seria o lugar onde estudamos a Bíblia. Poderia não ter tido que se preocupar com divertimentos ou pintura ou trabalhos manuais, quando estivesse a procura de conhecimento da Palavra de Deus. Mas também teria facilmente encontrado pregadores que pregam sem entusiasmo e que fazem dormir.

O clamor de Howard é o clamor de muitos em sua igreja e na nossa: "Onde posso encontrar a Jesus?" Ou "onde posso encontrar um caminho para o Céu?" Estas não são perguntas apenas pertinentes são perguntas urgentes. Não são observações de apenas um outro adolescente que se sente deslocado pelo ritual e o formalismo. Estas são interro-

gações sempre presentes no espírito de todo cristão (professante ou dormente) que ocupa os bancos de nosso santuário cada semana. Onde posso encontrar a Jesus? Onde posso encontrar um caminho para o Céu?

Ora a obrigação, em primeiro plano, recai sobre o ministério, bem o sabemos, bem o reconhecemos. Mas não a obrigação total. Certo, o ministério precisa cingir os lombos de sua pregação para assegurar-se de que nenhuma alma faminta volte insatisfeita; mas notais que este jovem Howard olha para seus irmãos mais experientes em busca de exemplo. Sua crítica é relevante no que vos diz respeito? Deixais vosso "amor pelo próximo na igreja" quando o serviço religioso termina? Não podemos ser muito específicos nesta questão. Howard pode ser um jovem católico romano, mas há dezenas de milhares de Howards dentro de nossa própria igreja.

É possível (e mais uma vez dói-nos sugerir-lo) que nós, também, estejamos mais preocupados com o ar condicionado do que com o ar refrigerante do Espírito Santo. O materialismo não passou de largo por nossa igreja a fim de concentrar-se no catolicismo romano. Vede esta observação na carta de Howard: "Parece cada domingo que a igreja está continuamente pedindo mais dinheiro". Isto não vos toca um pouco também? (Sábios administradores de igrejas, reconhecendo o constante aumento no custo da manutenção de uma igreja, agora envolvem sua congregação no plano de mordomia, deste modo eliminando o contínuo solicitar de dinheiro.)

Mais do que tudo, notai esta sentença: "A igreja está tão preocupada com coisas materiais e sociais que esquece a alma humana". Isto, naturalmente, não é o caso em nossa igreja. O valor da alma humana é a coisa mais importante para nós. Ou devia ser. Ou costumava ser nos dias pré-materialistas. Ou será também o nosso caso agora?

Essa carta fez-nos pensar, não é certo? Fez-nos reconhecer que uma igreja, quando perde de vista a alma humana, está acabada. O problema de Howard, na verdade, é problema nosso.

William L. Husk

Diretor-Presidente do Comportamento das Ciências no
Centro para Comportamento Dependente de Loma Linda,
e Instrutor em Ciências de Saúde

Compreendendo o Alcoólatra

A ATITUDE da profissão médica para com o alcoólatra é de grande interesse, e está certamente em pauta no momento. Muitos médicos preferem não ter um alcoólatra entre seus pacientes por várias razões, como por acharem que poderão ser melhor atendidos em setores especializados, ou por não desejarem despendar um tempo extra que pode ser necessário, ou mesmo o temor de serem incapazes de prestar a ajuda reclamada.

Muitos médicos e leigos consideram o alcoolismo um problema psicológico. Muitos deles, portanto, consideram o psiquiatra como o elemento adequado para consulta e auxílio; mas aqui também em vão, porque poucos psiquiatras apreciam tratar de alcoólatras. Provavelmente o conselho mais coerente dado por profissionais médicos aos alcoólatras é que se aproxime dos "Alcoólicos Anônimos". Em minha opinião, este não é um mau conselho, porque os AA têm a seu crédito um trabalho muito eficaz.

Este conselho, quando olhado objetivamente, é fenomenal. Há algum paralelo no caso de qualquer outro problema a que o médico é chamado a tratar, em que ele transfira para o leigo quem o procure em busca de auxílio?

Recentes progressos no campo do aconselhamento, com o uso de elementos reconhecidamente não médicos, têm já despertado sérias indagações em relação ao conceito de que o alcoolismo é uma enfermidade. Esta idéia, se persistir, terá profundas implicações. Atitudes anteriores da profissão médica para com o alcoolismo terão de ser reavaliadas. As escolas de medicina necessitarão levar em conta o treino do estudante em relação com a possi-

bilidade de assumir o médico um papel mais amplo relacionado com o alcoolismo, e com o alcoólatra. Maior aceitação e maior interesse entre os profissionais médicos esperançosamente proverão mais amplo quadro de auxílio para o paciente alcoólatra. Os clérigos também necessitarão saber como tratar com alcoólatras num nível mais eficaz. Se tudo isto realmente ocorrer, teremos de olhar o alcoolismo em si com mais atenção.

Que Leva uma Pessoa a Beber?

O mistério do vício de beber gira em torno da pergunta: Que leva uma pessoa a beber, mesmo sabendo essa pessoa que não está apenas se matando, mas também destruindo os que lhe são caros?

Ninguém se dispõe conscientemente a se tornar alcoólatra. Isto lhes acontece porque eles são propensos à bebida. As pressões e reclamos que conduzem o ser humano à bebida podem variar vastamente. A suscetibilidade do alcoólatra é uma questão individual, específica de suas características pessoais.

Os alcoólatras têm uma coisa em comum: são impelidos a beber álcool. A dependência, ou vício do álcool, entretanto, têm de ser compreendidos à luz do fato de que o alcoolismo não existe por si, mas é parte da personalidade total em má formação presente ao tempo.

Embora algumas pessoas pareçam ser mais suscetíveis do que outras, o alcoolismo em si não é uma entidade isolada, mas um sintoma associado com profundas necessidades psicológicas, sociais ou espirituais que não foram satisfeitas na vida de uma pessoa. O álcool, continuamente usado, é uma

resposta ou um recurso que a pessoa busca para compensar essas necessidades pessoais não satisfeitas.

Durante algum tempo — por anos até — a bebida parece satisfazer às necessidades da pessoa. Mas vem o dia em que o álcool não mais satisfaz aos anseios, e a necessidade de beber se torna imperativa. Então as necessidades humanas não estão sendo mais satisfeitas, isto é claro. O estágio crônico é alcançado mesmo quando os sintomas afastados. A pessoa já não bebe para satisfazer a suas profundas necessidades: bebe porque sua necessidade de álcool já é uma doença.

Deste ponto em diante, a bebida se tornou habitual e firmemente estabelecida, do mesmo modo que as respostas se tornam habituais, e o vício está estabelecido. À medida em que as doses são aumentadas com o passar do tempo, podemos naturalmente esperar aprisionamento ou fixação em crescimento pessoal normal. A dependência física ocorre naqueles indivíduos que são mais constitucionalmente predispostos ao álcool do que em outras pessoas. Quando isto acontece, não é mais só o psíquico que anseia por álcool, mas todos os tecidos do corpo o reclamam.

Com o estabelecimento da dependência física, o indivíduo não pode mais exercer escolha voluntária e consciente quanto ao beber. Ouvi de certo número de pacientes que lhes é impossível descrever seu desejo de álcool. Dizem que não há palavras que possam descrever quão intenso é esse desejo, e que não podem compará-lo a quaisquer outros prazeres que tenham conhecido — mulheres, posição ou poder.

Efeito Positivo Aparente

É certo, também, que os primeiros “drinks” *parecem* ter um efeito positivo sobre a vida da pessoa. O beber tem sido apresentado como inibidor da ansiedade; preocupações e problemas parecem desaparecer; sentimentos de hostilidade se dissipam; o cansaço se transforma em nova energia. O sono parece vir com facilidade com álcool. Esta primeira fase no beber *parece* promover sentimentos de bem-estar e felicidade. A pessoa se vê a si mesma muitas vezes como calorosa, confiante, aceitável e melhor ajustada. Mais de um pa-

ciente me tem dito: “Oh, se eu tão-somente pudesse readquirir os sentimentos daqueles primeiros dias em que comecei a beber!”

A vida de um alcoólatra não é uma vida prazerosa. Ele vive num mundo de definições impostas. Impostas pelo homem da rua e pelo profissional. Para muitos, o alcoólatra é um ébrio embrutecido. Para muitos profissionais ele é um psicopata ou sociopata — alguém com personalidade profundamente desordenada. Todas essas definições tornam-se parte do supremo mundo do alcoólatra, e poucos lhe darão qualquer esperança.

O alcoólatra define seu mundo imediato com sentimentos de ansiedade, temor, depressão, solidão. Ele vive numa espécie de ansiedade existencial, temendo sempre o não saber o que terá acontecido em seus momentos de inconsciência, com o temor dos danos que poderão advir à sua mente, a seu cérebro, o temor de que seguramente tudo se repetirá, e assim por diante. Sua solidão é permanente — mesmo que esteja no meio de uma multidão, ele está sozinho, fisicamente. É forçado a viver com permanente culpa num mundo punitivo. Vive sob penoso remorso, e todavia não pode afastar-se da garrafa.

Como resultado o alcoólatra se torna rancoroso e muitas vezes hostil. Muitas pessoas não vêem sua situação anti-social como uma luta contra sua doença, mas consideram apenas o seu comportamento. O alcoólatra é uma pessoa reconhecida como dependente do álcool, por ter-se-lhe tornado impossível viver sem ele. Deixá-lo significa para o alcoólatra o retorno a insuportável sofrimento físico sem o acesso ao anestésico. Esperar que ele se recupere por conta própria é pedir demais. Ele não logrará isto.

Quando o alcoólatra procura auxílio, seja por apelos de sua própria consciência, por instâncias de seu empregador ou de sua esposa, metade dele deseja o auxílio, metade não. Afetado por profundo sentimento de solidão, de inadequação, de fracasso, de falta de fé nas pessoas, em Deus e em si mesmo, ele anseia pela ajuda que o médico ou o clérigo possa dar-lhe; todavia sua culpa, vergonha, insegurança, não raro o levam a rejeitar o auxílio proposto.

Esta rejeição é um padrão de comportamento interessante, embora desconcertante, e

pode enganar ou frustrar os esforços que estão sendo feitos para ajudar. Eu gostaria de despendar algum tempo estudando e investigando esta parte incoerente do alcoólatra. Quanto às possibilidades já aludidas, há que lembrar que a desconfiança por parte do paciente deve ser tida muito em conta.

Já vos haveis formulado a pergunta: “Como eu me sentiria no relacionamento com alguém que bebe?” Posso imaginar que tal pergunta não despertaria nenhuma resposta um tanto mais emocional. Se reformulardes a pergunta para: “Como eu me sentiria no relacionamento com um alcoólatra”, as possibilidades de uma resposta estariam acima do que se poderia esperar em média.

Tem-se mostrado de modo experimental que certas palavras em qualquer língua consideradas “tabus” ou “negativas” tendem a despertar reações emocionais mais fortes do que outras. A palavra “alcoólatra” parece provar isto, promovendo muitas vezes em nós sentimento negativo. Se a palavra em si já induz sentimentos negativos, que espécie de resposta então podemos esperar quando se entra em contato com a pessoa real, deste modo rotulada?

Para dizer a verdade, muitos de nós sentem que o alcoolismo pode ser evitado; e assim renegam o conceito de que seja uma doença, entendendo que o alcoólatra pode deixar de beber quando o desejar. Tais pensamentos e sentimentos, tanto conscientes como inconscientes, são facilmente transmitidos à pessoa, e podem muitas vezes dizer mais sobre como nos sentimos para com o alcoólatra, do que o fariam as palavras. Vê-se, portanto, que se alguém deseja ajudar um alcoólatra, tem de estar atento a seus próprios sentimentos em relação a essa espécie de paciente — o alcoólatra.

Extrema Sensibilidade

O alcoólatra é uma pessoa extremamente sensível. Não se sabe se essa elevada sensibilidade é devida ao continuado uso do álcool ou se é uma faceta de sua personalidade anterior ao vício. Mas permanece o fato de que o alcoólatra é sobremodo perceptivo em relação aos sentimentos dos que o cercam, e rejeitará a ajuda dos que ele crê não estarem sincera e genuinamente interessados em ajudá-lo. Ele rejeita prele-

ções e exortação. Desconfia de expressões de interesse que não sejam acompanhadas de sinceridade de ação, ou demonstradas na disposição de participar ativamente no sentido de ser útil.

É preciso ter em mente que o alcoólatra crê que o beber melhora suas relações com outras pessoas. Isto é muito evidente mesmo quando ele procura auxílio. Ele está procurando um relacionamento de confiança com alguém a quem ele possa comunicar parte de seus fardos e sofrimentos — alguém com quem possa associar-se em sua indefectível dependência. Quando um homem bebe, está procurando companheirismo, quer esteja consciente disto ou não. O alcoólatra necessita contínua evidência de que a pessoa tem nele verdadeiro interesse.

Não é Necessário Excesso de Liberalidade

Ao tratar com ele, portanto, o excesso de liberalidade não é necessário. “Delicado controle” é considerado a melhor tática. O ingrediente essencial é o desenvolvimento de relacionamento pessoal. Mostrando positiva consideração por ele, estais partilhando seu mundo de isolamento, estabelecendo uma base de empatia. Ao comunicar-lhe calor humano e mostrar-lhe compreensão, ganhareis sua confiança.

Quão fácil é esquecer que o indivíduo a quem rotulamos assim com tanta pressão é um ser humano — ser humano com sensibilidade de sentimentos, muitas vezes visto como excêntrico e pária social, incapaz de controlar sua sede de álcool. Mas ele é um faminto e sedento de amor e aceitação como qualquer de nós.

Quando pela primeira vez uma pessoa é posta em face do álcool, pensa que beber é um modo de viver “o melhor da vida”. Mas ao contrário, ele passou a desfrutar “o pior da vida”. Com persistência, com positiva consideração, com empatia, podemos ajudar o indivíduo que tem a tendência ou problema com álcool a encontrar um melhor modo de vida. Se se vos apresentar a oportunidade de ajudar alguém deste modo, aceitai o desafio. Não o eviteis.

Tem-se-me tornado sobremodo compensador ver como uma mudança tem lugar na vida da pessoa que se vê livre das cadeias do vício de beber, vício este tão destrutivo. E vendo sua fisionomia de paz, de calma e gozo, sinto-me feliz de ter tido uma parte na tarefa de ajudar o meu irmão.

Carta Aberta ao Presidente da Associação Geral

J. R. Spangler

Secretário-Associado do Depto. Ministerial da Associação Geral

Caro Pastor Pierson:

O CONCÍLIO Anual de 1974 é agora História. Gostaria que cada membro e obreiro da igreja tivesse tido a oportunidade de estar presente a fim de poder partilhar o impacto espiritual recebido pelos delegados. A ênfase posta na importância de examinar o próprio coração, no recente Concílio Anual, é um dos mais encorajadores sinais de que Deus ainda tem interesse em Sua igreja. Todos nós, até mesmo os que possuem o mínimo grau de inclinação espiritual, temos de crer que este é o mais longo passo dado na direção certa.

Quando os corações estão unidos e as mentes submissas à direção de Deus, não há no mundo nenhuma razão aceitável por que os necessários negócios da igreja não devam ser levados a cabo com presteza. Assim, irmão Pierson, a tendência de tratar desses negócios com Cristo sendo o centro nessas reuniões, faz que muitos de nós se gozajem. Indubitavelmente o que estamos vendo e experimentando é o direto fruto de sua administração, na qual se dá ênfase à reforma e reavivamento.

Não podemos culpar o diabo por sentir-se infeliz em face do que está ocorrendo. Se estivéssemos em seus sapatos estaríamos infelizes também! Poderia ocorrer, porém, que ele ainda conseguisse alcançar seus objetivos em nossa igreja de outros modos? Dar-se-ia ainda o caso de que os seus métodos primários de retardar o progresso da igreja ainda nos pudesse levar a canalizar nosso tempo, energias e dinheiro para coi-

sas que embora boas, sejam relativamente pouco importantes?

O muito necessário chamado de reavivamento e reforma não devia apenas tocar nossa vida de ministros e leigos, mas devia alcançar toda a área da igreja em sua administração e prática, incluindo-se orçamentos, planos, e ações. Reforma nessas áreas é tão importante e necessária como a reforma em nossa vida pessoal. Salvação pessoal não garante de nossa parte acuidade mental para administrar os negócios da igreja de Deus. Deve esperar-se que reavivamento e reforma em nossa vida conduza ao reavivamento e reforma em toda a estrutura da igreja. Estar desperto para os enganos de Satanás, que muitas vezes se apresentam sob a capa de piedade e justiça demanda completa compreensão dos objetivos do movimento do advento por parte de cada ministro e leigo.

Pressionamentos Táticos

Os que estão familiarizados com as operações de nossa igreja estão conscientes do constante coro cacofônico de vozes declarando que direção a igreja deve tomar. A igreja está numa posição muito semelhante à de muitos governos do mundo onde grupos de pressão e politiqueiros estão sempre procurando sustentar suas causas. Com efeito, as mesmas pressões táticas são usadas em todos os segmentos da sociedade, seja o infantil pedido de uma bicicleta ao pai pelo filhinho, seja um departamento ou instituição pressionando a igreja por mais homens e mais material.

A única conduta segura a seguir pela igreja é sabermos com certeza quais os objetivos de Deus para nós, e decididamente estabelecer um sistema de prioridades a alcançar. Em outras palavras, toda decisão que esta igreja faz em qualquer nível, deve ser feita à luz do que mais contribua para alcançar nossos supremos objetivos.

275.458.110 Membros

Presumivelmente o crescimento da igreja em termos de aumento de membros é um dos principais objetivos com que todos concordamos. Se esse objetivo tem alta prioridade em outras áreas além de nosso pensamento, é discutível. As estatísticas indicam que na maior parte o nosso crescimento em número de membros tem sido firme e gradual de ano para ano. Os mais significativos aumentos não são recentes. A média de membros aumentou entre 1870 e 1880 em torno de 11 por cento ao ano. O aumento durante esta década foi o maior já experimentado.

Se tivéssemos mantido esses 11 por cento líquidos desde 1880 até agora, nosso número de membros seria hoje de 275.458.110.

É também interessante verificar que, se tivéssemos mantido os 11 por cento ao ano desde esse tempo, nosso atual número de membros de 2,4 milhões teria sido alcançado em 1928 — quarenta e seis anos atrás!

Entretanto, 2,4 milhões está bem longe dos 3.500 que tínhamos em 1863, e por isto louvamos a Deus. Mas está também longe dos 275.458.110 que poderíamos ter.

Nosso lento e firme crescimento não tem sido espetacular. Ou seria espetacular um crescimento de 5 por cento ao ano? Não devíamos esperar um dramático, eu diria, miraculoso influxo de membros que indicasse um segundo Pentecostes?

A Igreja Apostólica

A igreja apostólica não se deixou envolver por multiplicidade de conceitos quanto à natureza de sua missão. Em suma, “só um interesse prevalecia; um elemento de emulação absorveu todos os outros”. — *Atos dos Apóstolos*, p. 48. Qual era esse único interesse? Aumento de salários? Dotação adicional de recursos para a administração? Local da próxima reunião da Associação Geral? Outro programa para terminar a

obra? Um novo filme para este ou aquele departamento? Claro que essas coisas seriam secundárias para os primeiros crentes. Sua principal preocupação era “revelar a semelhança do caráter de Cristo e trabalhar para a ampliação do Seu reino”. — *Ibid.*

Notai que o seu peculiar interesse tinha duas facetas. Agradecemos a Deus que nossa igreja tem estado procurando focalizar-se na revelação do caráter de Cristo. Mas, irmão Pierson, estamos dando à ampliação do Seu reino o mesmo diapasão? Que diremos de nossa comissão evangélica? Estamos, como líderes, levando-a bem a sério?

Quando o foco de luz do Espírito de Profecia é lançado sobre a missão da igreja, descobrimos qual é a verdadeira interpretação do escopo do evangelho. Ellen G. White declara que em visão contemplou “jactos de luz brilhando das cidades e vilas, e dos lugares altos e baixos da Terra. A Palavra de Deus era obedecida, e como resultado havia memoriais para Ele em toda cidade e vila. Sua verdade era proclamada em todo o mundo”. — *Evangelismo*, p. 699.

Carne e Sangue ou Tijolo e Argamassa?

Se as palavras “memoriais para Ele em toda cidade e vila” se referem a memoriais em carne e sangue ou em tijolo e argamassa, não importa; ainda permanece a questão de quão perto estamos ou não de cumprir esta profecia, ou se de fato a cumprimos um dia. Levando em conta nossa presente média de crescimento, duvido que mesmo o mais otimista dentre nós se atreva a declarar que nos estamos aproximando do seu cumprimento.

Devemos pensar que Deus espera que tomemos a Bíblia e o Espírito de Profecia nestes pontos? Ou seria isto apenas um ideal que Deus sabe jamais alcançaremos sem Seu auxílio? Pessoalmente creio que devemos rejeitar categoricamente qualquer interpretação que não tome literalmente o desejo de Deus para Sua igreja. As determinações de Cristo são claras. Nossa missão é inconfundível. O escopo de nossa obra de salvação é muito vasto, é de amplitude mundial. Nosso testemunho deve alcançar toda nação, tribo, língua e povo. A questão é: Que podemos fazer para alcançar mais depressa o objetivo divino?

Francamente, irmão Pierson, não creio que qualquer de nós acaricie o pensamento

de memoriais de granito, com uns poucos fatos, números e alguns versos ajustados a eles, erigidos sobre nossa sepultura. Este é de algum modo o objetivo pessoal de qualquer de nós? Não que duvidemos do poder de Deus para nos ressuscitar — oh, não! Ao contrário, há dentro de nosso coração a bendita esperança da volta de Cristo enquanto ainda estamos vivos. Sua vinda, certamente, será o clímax, não para uma tarefa inacabada, mas para uma missão cumprida.

Por causa da incredulidade, os ossos dos líderes de Israel e dos leigos secaram-se ao sol junto ao Jordão, mas do lado errado desse rio. Que podemos fazer, ou que devemos fazer, para evitar a repetição deste trágico episódio? Seria necessário mais do que oração e exame do coração, embora importante isto também. Seria necessário mais do que reuniões de testemunho — e graças a Deus por essas reuniões! É preciso que haja ação dinâmica, ousada, juntamente com a renovação espiritual! Seria necessário amplo planejamento, que poria à prova nossa fé e desafiaria ao máximo nossos recursos em dinheiro, nossas energias e nosso tempo. Significaria isto que não podemos mais sentir-nos “tranqüilos”, mas deveríamos mover-nos depressa para levar a mensagem da cruz aos habitantes do mundo, e que examinaremos cuidadosamente, à luz da comissão evangélica, tudo que estamos fazendo.

Devemos considerar nossos orçamentos à luz de nossos objetivos. Estamos gastando nosso dinheiro nos projetos mais importantes? Não é uma questão de certo ou errado na maioria dos casos o que gastamos, mas sim, uma questão de prioridade. Estamos pondo de lado fundos para aqueles programas e aquelas pessoas que Deus espera assumir este movimento? Quais são as prioridades?

Senti-me encorajado por vários itens do orçamento, como os 450 mil postos de lado como “reserva” para um trabalho especial que surja oportunamente com vistas à promoção do evangelho em qualquer parte do mundo.

Naturalmente, os quase 2 milhões de dólares do aumento de díizimo a serem usados especificamente na evangelização nas uniões da América do Norte foi outro aspecto positivo do orçamento. O apoio dado a PREACH (Project for Reaching Every

Active Clergyman at Home) foi também muito apreciado.

Todavia permanece ainda o desconfortável sentimento de que muito mais podia ser feito por esta igreja em enfrentar seus objetivos de modo responsável.

A resposta não está apenas em votar orçamentos cada vez maiores que superem o ano anterior, mas em reavaliar plano e programa administrativo, institucional e departamental em que este movimento está envolvido. E mais, nenhum programa deve ser julgado um sucesso simplesmente porque está se tornando grande em termos de números. O que se deve perguntar, é: “É isto que Deus deseja façamos?” E: “Estamos preenchendo os Seus designios e objetivos em relação a esta igreja?”

Lembra-nos a história do homem que veio a Jesus pedindo-Lhe solucionasse uma disputa entre ele e seu irmão com relação a uma herança. Jesus respondeu calma mas firmemente: “Homem, quem Me pôs por juiz ou repartidor entre vós?” S. Lucas 12:14.

Um comentário muito pertinente desta história diz: “A missão do Salvador na Terra estava depressa chegando ao fim. Apenas poucos meses Lhe restavam para completar o que viera fazer no estabelecimento de Seu reino de graça. Todavia a avareza humana procurava desviá-Lo de Seu trabalho para assumir uma disputa sobre um pedaço de terra. Mas Jesus não iria deixar-Se desviar de Sua missão. . . Cristo deu ao homem claramente a entender que esta não era Sua obra. Ele estava procurando salvar almas. Não poderia desviar-Se de Sua missão para assumir tarefas pertinentes a um magistrado civil”. — 9 T, p. 217.

Trabalho Forçado?

Os princípios afirmados aqui não podem ser mal compreendidos. Os negócios do Salvador e os negócios da igreja deviam ser idênticos! Mas — são? Seja-me permitido citar a sentença seguinte, impressionante em sua importância: “*Quantas vezes hoje não é imposto sobre a igreja trabalho que lhe não permite nunca assumir a obra do ministério evangélico!*” — *Ibid.*, (Grifo suprido.)

Se esta afirmação era um fato quando foi escrita, fico-me perguntando o que Deus

acrescentaria ou subtrairia a ela para o dia de hoje.

Irmão Pierson, alguns de nós crêem que é chegado o tempo em que cada faceta do programa de nossa igreja precisa ser reexaminada à luz da comissão evangélica. Isto pode aplicar-se à revista *The Ministry* (O Ministério Adventista), à Associação Ministerial, ou a qualquer outra parte do programa da igreja.

Nosso mundo está condenado. Todos conhecemos, acredito, a ilustração do avião em dificuldades no ar. Em circunstâncias normais seria próprio servir alimentos, oferecer revistas, bombons, o piloto anunciar as condições do tempo e a distância do aeroporto de chegada. Mas todas essas atividades normais são abandonadas quando há o perigo de uma queda. Prioridades são estabelecidas imediatamente. Nesta altura tudo deve ser feito para salvar a vida dos passageiros e tripulantes.

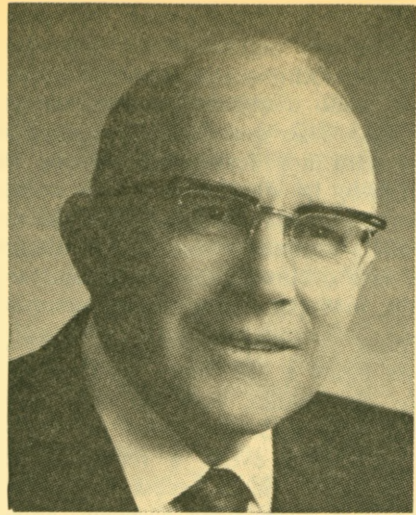
A igreja não vive hoje sob condições normais. O desastre ameaça, e pode ocorrer mais depressa do que pensamos. Negócios rotineiros têm de ser postos de lado, tomando-se medidas de emergência para o cumprimento da missão da igreja. Tudo que não contribua para o cumprimento de nossa grande comissão deve ser eliminado de nossa agenda, de nosso orçamento, de nossos planos. É tempo de considerarmos cuidadosamente a pergunta: Quais são nossas prioridades?

Este é um fervoroso apelo, que o pouco de levedura que temos permitido Deus ponha na igreja nestas horas finais, possa operar até que todo o mundo tenha a oportunidade de participar conosco da bendita experiência da salvação por meio de Cristo somente.

Seu para a expansão de um reavivamento e reforma,

J. R. Spangler

P. S. Em futuras cartas abertas apreciaria a oportunidade de ser mais específico.



Caro Irmão Spangler:

Sua carta aberta a mim dirigida, publicada no número de Dezembro de *Ministry* [p. 7 deste número], foi por mim lida com interesse e preocupação. Partilho com o irmão o fardo de ver a obra de Deus terminada em nossos dias! Poucas pessoas sentem mais profunda preocupação pelo bem-estar e o triunfo da igreja remanescente do que a pessoa que se assenta na minha cadeira. Conseqüentemente eu sinto do modo mais profundo com o irmão tudo que escreveu em sua carta.

Os Concílios Anuais de 1973 e 1974 foram memoráveis reuniões espirituais — como realmente deviam ser nesta fase final da história da Terra. Como líderes do campo mundial não ousamos reunir-nos simplesmente para votar orçamentos, solucionar problemas e estabelecer planos. O Senhor a quem servimos chama-nos para oração, para estudo da Bíblia, e para vivermos em Sua companhia em tais ocasiões. Cada um dos dois passados Concílios Anuais foi uma bela experiência, e ao nos aproximarmos do fim, o aprofundamento de tal associação com o Senhor devia aumentar quando quer que os líderes se reúnem.

Conquanto não devamos jamais sentir-nos satisfeitos, meu coração se alegra muitíssimo ao ver as mensagens desses concílios abrindo caminho e fazendo impressão no coração de nossos pastores e leigos! Com base em minha correspondência e contatos pessoais com a igreja ao redor do mundo

As Primeiras Coisas Primeiro

Resposta de R. H. Pierson à Carta de J. R. Spangler

em todos os níveis, é visível que Deus está sem dúvida falando a Seu povo não apenas em Washington e Loma Linda, mas além nos remotos lugares da Terra. Ele nos está falando que a hora vai sem dúvida avançada, e é preciso que um povo esteja preparado para Seu retorno à Terra.

O Senhor Está Trabalhando

Tenho despendido muitas horas com os líderes em várias de nossas divisões desde o Concílio Anual de 1973. Ao associar-me em oração com esses homens e mulheres de diferentes nacionalidades, línguas e formação cultural, meu coração tem sido cheio de fé e esperança. Sei que muitos dos líderes de Deus estão investigando o seu coração mais fervorosamente do que nunca. Mais de um líder veio a mim durante o último Concílio Anual em Loma Linda, dizendo em substância: "Pastor Pierson, jamais examinei meu próprio coração como tenho feito durante este concílio. *Desejo estar em retidão com Deus e com o meu próximo.* Quero ver este trabalho terminado e contemplar a vinda de Jesus!"

Talvez eu não necessitasse falar muito das reações aos concílios anuais, mas sinto que isto é pertinente às questões que o irmão suscitou em sua carta aberta. Quando os líderes desta igreja, desde a igreja local até a Associação Geral, se puserem de joelhos em verdadeiro arrependimento e procurarem estar seguros de que estão bem com Deus, creio que teremos andado uma boa

parte do caminho na solução dos problemas referidos em sua carta.

Eu gostaria de ser o primeiro a reconhecer que a igreja não é tudo que devia ser — não é tudo que nosso Senhor deseja que fosse. Na avaliação deste ponto eu poderia dizer "nós" e não "vós". Eu gostaria de ser o tipo de líder que o Senhor pode usar na rápida promoção de Sua obra! Mas eu seria infiel ao que vejo se deixasse de reconhecer o Espírito de Deus em operação entre nós como obreiros e leigos de hoje. Em vez de crisar as mãos e proferir jereemiadas, creio que devíamos agradecer a Deus e tomar coragem quando vemos o que Deus está fazendo por Seu povo.

Alvos e Objetivos de Vital Importância

O irmão colocou o dedo no lugar certo quando dá ênfase à necessidade de mantermos diante de nós nossos alvos e objetivos como um povo. Desde o início de minha administração em Washington procurei compreender esta necessidade. Todos os departamentos da igreja têm recebido apelos, não uma apenas mas diversas vezes, para que mostrem claramente sua *raison d'être* [razão de ser] como encontrada no Espírito de Profecia. Pediu-se-lhes que seus planos fossem feitos em consonância com os objetivos. Creio que a maioria de nossos departamentos têm feito isto.

A menos que nossas instituições mantenham claramente diante de si seus alvos e objetivos, trabalhando incansavelmente para alcançar o objetivo e propósito de sua

existência, Satanás poderá desviar o curso. Somente quando uma porcentagem *bem alta*, pelo menos, dos obreiros dessas instituições é composta de homens e mulheres adventistas que partilhem nossa preocupação por ver a obra terminada em nossos dias, somente assim podemos esperar trabalhar com o máximo de eficácia adventista na promoção da obra que o Senhor nos entregou para levar a cabo. Obviamente obreiros que não sejam de nossa fé não podem guiar pessoas através da conversão, ensinar-lhes as doutrinas que sustentamos, e introduzi-las na igreja remanescente.

Como o irmão indica, reavivamento e reforma precisam modelar nossos métodos, guiar no preparo de orçamentos, e motivar as atividades de nossos administradores e de nossas comissões. Isto só se tornará plena realidade quando nós mesmos, na qualidade de líderes e corpo administrativo ou membros de comissões, tivermos experimentado o verdadeiro arrependimento, reavivamento e reforma. Mesas administrativas e Comissões constituem-se de homens e mulheres. Seus atos refletem a experiência de seus membros.

Pressionamentos Táticos

O irmão mencionou pressionamentos táticos nas fileiras dos obreiros da igreja. É certo que todo líder está sujeito a algum pressionamento. Isto é particularmente assim por vivermos como vivemos num mundo dividido. Há diversidade de grupos com especiais interesses, e naturalmente eles estão ansiosos por manter essas necessidades constantemente diante daqueles que, eles sentem, estão habilitados a ajudar ao máximo a sua causa.

Eu gostaria de fazer uma ou duas observações em relação com grupos de pressão e pressionamentos táticos. Em primeiro lugar creio que devemos ser cristãos — cristãos adventistas do sétimo dia. Seja “pressionando” ou “sendo pressionados”, devemos ter em mente este fato. Isto nos levará a nos assentarmos com calma e calmamente falarmos de nossas necessidades e problemas em espírito de oração. Então devemos ser guiados pelo Espírito Santo. Às vezes os pedidos de “grupos de pressão” são legítimos. Se são, devem ser ouvidos e apoiados. Outras vezes tais pedidos não são

razoáveis, ou por alguma razão não podem ser apoiados. Então o “outro lado” precisa exercer compreensão e tolerância cristãs e não pressionar.

Temos comissões destinadas a tratar com o que poderíamos chamar “pedidos de pressão”, e agradeço a Deus por essas comissões. Sempre há sabedoria quando mais de uma pessoa está envolvida ao se tomarem importantes decisões. Quando a comissão fala sobre tais itens, a questão deve ser considerada definida, e devemos trabalhar juntos em amor e união.

Como o irmão, eu lamento a falta de uma obra terminada, e sinto que sua análise de crescimento de membros pode ser aberta para crítica justa. Naturalmente, 5 por cento de aumento anual não chega a ser “espetacular” e está muito longe de seu hipotético número de 275.458.110 membros que podíamos ter tido.

Por outro lado, há dois pontos básicos que creio devemos ter em mente. Primeiro, segundo minha compreensão da Bíblia e do Espírito de Profecia, embora grande número de pessoas aceite a mensagem, esse grande número pode não representar a alta porcentagem da população existente. “Estreita é a porta e apertado o caminho que conduz à vida, e poucos há que o encontrem”. S. Mat. 7:14.

Segundo, embora a mensagem do advento requeira mudança no estilo de vida, ajustamentos no trabalho, algumas vezes o sacrifício de entes amados e de amigos, mudanças radicais na vida social, este movimento como o vemos hoje, *creceu a partir de um país e se espalhou para cerca de 192 países durante a existência de adventistas do sétimo dia ainda vivos hoje!* Isto é em si, para mim, uma evidência da bênção e direção de Deus! Por isto, eu agradeço a Deus e tomo coragem! Creio que esta mensagem tem ido para além dos números de nossas estatísticas de hoje!

A Igreja Apostólica

A igreja apostólica, é certo, “não se deixou envolver por multiplicidade de conceitos quanto à natureza de sua missão”. Todavia, eles não tiveram de enfrentar os sofisticados pecados e a complexidade da sociedade moderna, com todos os problemas disto resultantes, os quais nós enfrentamos continuamente. É meu sentimento pessoal

que o Senhor jamais pretendeu enfrentá-
semos os tremendos problemas que a igreja
enfrenta hoje. Seu trabalho já devia ter sido
concluído e os santos já deviam estar no
reino!

Desafortunadamente, problemas terrenos
tais como filmes departamentais, o lugar da
próxima sessão da Associação Geral, escala
de salários, os custos cada vez mais altos da
educação, pressões de associações sanciona-
das, de uniões de trabalho, e probantes ins-
trumentalidades governamentais, têm de ser
levados em conta. São parte dos próprios
fatos reais da vida atual. A igreja ainda
está aqui. Não existe um vácuo. Temos de
tratar com o mundo, e alguém tem de en-
frentar esses problemas. Embora muitos de
nós como administradores pudéssemos fazer
muito como evangelistas em campanhas,
bem como na promoção de outros aspectos
da obra de salvar almas, precisamos fazer
aquilo para que a igreja nos elegeu, e cui-
dar de alguns desses problemas desagradá-
veis, quase insolúveis, que a igreja enfrenta
nestes dias difíceis.

As Primeiras Coisas Primeiro

Conhecendo o lado realístico da moeda,
apresso-me em concordar que *as primeiras
coisas devem vir primeiro*. O irmão tem
ouvido este *slogan*, num constante crescen-
do, dos escritórios da Associação Geral em
anos recentes. Creio firmemente que deve-
mos procurar “primeiro o reino de Deus
e sua justiça”, recebendo então a solução
para os outros problemas! A ênfase espiri-
tual deve ser posta — *e é, eu creio inteiri-
mente* — na ascendência!

As comissões e mesas com as quais te-
nho-me reunido em anos recentes, dão pro-
va de nova ênfase! Os líderes desta igreja
estão dando cada vez mais atenção às ne-
cessidades espirituais da igreja como corpo-
ração e dos obreiros e membros individual-
mente. Conquanto haja muito lugar, mui-
to mesmo, para melhoramentos, creio na
liderança desta igreja em todos os níveis,
e creio que há fervente desejo da parte da
maioria desses homens e mulheres em dar
prioridade às “primeiras coisas”.

Um dos passos mais significativos dados
em termos de orçamento nos últimos anos
o foi no recente Concílio Anual, quando
pusemos de lado cerca de meio milhão de
dólares como fundo de “oportunidade” a

ser usado em providências que forem aber-
tas por Deus, como já temos testemunhado
no Zaire, no Sul da Índia e em alguns pou-
cos lugares mais do mundo.

Quando surgiu a oportunidade no Zaire
um par de anos atrás, a Associação Geral
agiu sem hesitar na ajuda à Divisão Transa-
fricana, com quase um quarto de milhão de
dólares para proceder a uma colheita que o
Senhor havia preparado. Não houve hesi-
tação em consignar fundos para onde o
Senhor abrira o caminho. Esta continuará
a ser nossa política.

No momento há uma comissão especial
empenhada num estudo em profundidade
da distribuição dos fundos da igreja. Que-
remos estar certos de que cada centavo en-
contre o seu caminho certo para as bases
onde a maioria do trabalho está sendo feita.
Queremos estar certos também de que nos-
sas instituições estão operando tão eficien-
tamente quanto possível, gerando o máximo
de seus próprios fundos, de modo que os
fundos da igreja possam ser canalizados
para agressivo esforço na salvação de almas
ao redor do mundo. Concordo com o ir-
mão que a salvação de almas — cada de-
partamento, cada instituição, cada obreiro,
cada membro empenhado em evangelismo
— deve ter precedência sobre qualquer ou-
tra consideração diante da igreja hoje.

Evitar Obras Suntuárias

Há lições que ainda temos de aprender
— aqui na Associação Geral e em outros
níveis da administração — quando se trata
da espécie de edifícios que devemos erigir.
Temos sido todos demasiado pródigos e ex-
travagantes na construção de igrejas, esco-
las, hospitais, escritórios e outras edificações.
Aceito minha parte de responsabilidade
neste mau uso do dinheiro do Senhor, e
apelo a meus irmãos que experimentemos
real reavivamento e reforma neste sentido.
Façamos nossos edifícios funcionais e con-
fortáveis, mas economizemos milhares de
dólares para a causa de Deus na omissão
de grande parte do luxo e exageros que
têm acompanhado nossas construções. Isto
se aplica a extravagantes órgãos de tubos e
outros equipamentos que estamos instalando.
Este dinheiro deve ir para a obra de
salvar almas e preparar um povo para a
vinda de Jesus! Apelo aos líderes, meus
companheiros em todo o mundo a que fa-

çam por assegurar o alcance desses objetivos e o adequado uso desses fundos.

Reexaminando Todo o Nosso Programa

Sua sugestão de um reexame de todo programa da igreja à luz da comissão evangélica é uma boa sugestão. Demos alguns passos nesta direção quando a Comissão Wernick estudou todos os programas departamentais da Associação Geral. Em resposta a suas recomendações, muitos programas foram ou dispensados ou consolidados com programas similares de outros departamentos.

Devemos, podemos, e faremos muito mais ainda a este respeito. Os planos já estão em ação e no devido tempo os resultados serão visíveis. Eu gostaria de desafiar a Associação Ministerial a dar o exemplo na avaliação fria e franca de seu programa, cortando sem misericórdia qualquer desnecessidade nele constante, reduzindo-o ao que seja essencialmente básico para a terminação da obra. Aos nossos líderes de departamentos e aos meus próprios oficiais eu dirijo o mesmo desafio! Coloquemos de lado todo peso que tão facilmente nos estorva, e reduzamos tudo a uma tarefa de salvação de almas, procurando a terminação da obra. Fora com o excesso de bagagem!

Estamos constantemente apelando aos membros da igreja para que dêem mais dinheiro para ajudar na terminação da obra. Agora quero apelar aos obreiros denominacionais — a todos nós, incluindo-se os da Associação Geral — a mudar alguns de seus padrões de despesa e a economizar algo mais do dinheiro do Senhor.

Que podemos fazer? Aqui estão sugestões práticas que podemos implementar sem malogro pessoal e sem prejuízo para a obra de Deus:

1. Evitar grandes reuniões para as quais teríamos de levar tantas pessoas para consultar departamentais e administrativas.

2. Assegurarmo-nos de só fazer viagens estritamente necessárias. Muitas destas viagens podem perfeitamente ser evitadas sem prejuízo para o trabalho. De fato, se grande número de nossos líderes permanecessem

mais em seus escritórios, em suas classes e em seus lares, estariam menos nos aviões, automóveis, etc., e poderíamos não somente economizar milhões de dólares para a obra de salvar almas, mas tornaríamos nosso trabalho mais eficiente.

3. Hospedar em hotéis e motéis de preços módicos. Hotéis e motéis novos, de preços moderados, surgem cada dia em maior número. Podemos usá-los não só para nossa hospedagem pessoal como também para algumas de nossas reuniões, e assim estaríamos economizando milhares de dólares.

4. Podemos imaginar outros meios de economizar e ainda assim promover a obra do Senhor nos campos e nos departamentos.

As quatro sugestões acima, somadas aos pensamentos os tipos de construções que devemos erigir e equipar, se realmente levássemos a sério, poderiam adicionar milhões de dólares anualmente ao nosso orçamento mundial. Apelo aos meus companheiros em toda parte: *Economizemos o dinheiro do Senhor, bem assim peçamos aos nossos membros que dêem mais!*

Estou certo, irmão Spangler, não tenho respondido a todas as suas indagações, mas honestamente procurei considerar a maioria dos pontos que o irmão suscitou, acrescentando alguns por minha conta. Esteja certo de que tudo que escrevi o fiz com grande amor por nossos líderes em todo mundo, e em manifestação de fé neles. Procuremos de joelhos, com a ajuda do Senhor, melhorar nosso trabalho para Ele e concluir a obra nesta geração!

Acolheremos com prazer futuras observações sobre problemas definidos na obra do Senhor.

Deus o guarde e abençoe.

Cordialmente,

Robert H. Pierson

Presidente da Associação Geral

IGREJA e ESTADO: Poderes Autônomos

(Continuação)

Doutrina Sobre as Relações Entre Igreja

e Estado

Distinguiremos antes de tudo duas grandes categorias: Sistemas que unem Igreja e Estado e sistemas que separam ambos os poderes.

1. *Sistemas que Unem Igreja e Estado.* Consiste na união entre os dois poderes, e poderia entender-se bem como um nexu de subordinação de um ao outro, ou como coordenação de ambos entre si.

Sistema de Subordinação. A subordinação pode dar-se, por sua vez, em duas versões: a) Igreja que se subordina ao Estado, e b) Estado que se subordina à Igreja.

Igreja que se Subordina ao Estado. Situa-se aqui o tipo extremo de césaro-papismo e o tipo atenuado de jurisdicionalismo. Nesta subordinação a ordem eclesiástica se encontra tão estreitamente sujeita à ordem política e ao chefe do Estado que este

orienta os movimentos da igreja. O resultado histórico foi a provocação do cisma do Oriente e a aparição de igrejas nacionalistas anexas ao respectivo Estado, cujo modelo é a igreja ortodoxa russa sob os czares, seguida da formação da igreja anglicana da Inglaterra, quando o Parlamento proclamou Henrique VIII como único chefe supremo civil e religioso. Há formas atenuadas de subordinação da Igreja ao Estado, e estas são o *episcopalismo*, o *territorialismo*, o *galicanismo*, o *febronianismo*. Segundo estes sistemas, ao se formarem igrejas nacionais, estas são absolutamente independentes, desligadas de hierarquias superiores eclesiásticas, em virtude de nacionalismo político e a subordinação da Igreja ao Estado.

Estado que se Subordina à Igreja. Este sistema consiste na intromissão do clero e de ministros cristãos em assuntos temporais, e no uso da religião como instrumento político para conseguir seus fins. Aí é quando a igreja ostenta as duas espadas: a espiritual e a temporal. Ambos os poderes estão em mãos da igreja. Este sistema hierocrático tem causado muito dano à igreja através dos séculos de sua história.

2. *Separação Entre Igreja e Estado:* Este sistema supõe a ausência de vínculos políticos e de associações especiais entre Igreja e Estado. Do ponto de vista legislativo o regime separatista começou no século dezoito com a constituição dos Estados Unidos da América do Norte, e do ponto de vista doutrinário, com a Revolução Francesa. A tese sustentada pelos separatistas pode ser assim sintetizada: "Igreja Livre no Estado Livre".

Distinção Entre Igreja e Estado. Neste sentido Cristo fez uma distinção clara e terminante em S. Mat. 22:21: "Daí, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus". Cristo afirma a existência dos

dois poderes, um religioso, com fins transcendentes, e o outro civil, com propósitos temporais. O poder civil cuida diretamente dos interesses humanos terrenos, e a igreja cuida dos bens espirituais. Ademais o homem, em cada esfera, pode cumprir seu papel histórico como membro da sociedade civil, e ser por sua vez membro da igreja. Tanto o poder civil como a igreja são potestades supremas, independentes e autônomas, cada uma em seu gênero, de modo que o Estado deve respeitar as gestões da Igreja em sua esfera, com suas organizações e normas, hierarquia e jurisdição, e em reciprocidade a Igreja deve respeitar a jurisdição e leis do Estado em qualquer de suas formas políticas, cumprindo os estatutos civis toda vez que não se sobreponham às normas fundamentais do evangelho e da lei moral, porque as coisas divinas não dependem do poder temporal, concernindo a política a políticos e a religião aos bispos.

Natureza e Fim da Comunidade Civil. O homem, a família, e os diversos grupos sociais, formam a comunidade civil e são conscientes de sua própria insuficiência para alcançar uma vida plena, e reclamam uma comunidade mais ampla e estados civis que respeitem a consciência humana na pluralidade de suas manifestações, já que no concurso de todos existe a sabedoria para uma justa convivência social, a fim de que todos possam cumprir seu programa benfeitor em plenitude e favor da sociedade civil, onde se desenvolve melhor a igreja para cumprir sua obra redentora. A comunidade civil serve, pois, para buscar o bem comum temporal, no que encontra sua justificação plena que é sua razão de existir, e do qual deriva sua legitimidade primeva. O bem comum temporal abarca o conjunto daquelas condições de vida social com as quais os homens podem lograr com plenitude e felicidade sua perfeição em mérito dos valores revelados por Deus: Sua Lei Moral e Sua graça.

A comunidade civil e a autoridade temporal se fundem na natureza humana, e por-

tanto, pertencem à ordem prevista e sancionada pela Suprema Autoridade Divina, em harmonia com as normas da lei moral como fonte geradora de leis civis. É saudável que a igreja estimule o trabalho de quem, a serviço do homem, se consagra ao bem da coisa pública e aceita com boa vontade cargas e tributos impostos pelo poder civil. Estes estímulos devem ser comedidos, cautelosos e prudentes. A cooperação mútua de todos é necessária dentro da comunidade civil, aceitando responsabilidades como educadores, em alguns casos funcionários públicos, profissionais ou como simples cidadãos, cabendo ao cristão ser modelo como Daniel ou como José, cultivando a magnanimidade e a lealdade, o amor à pátria, mas sem estreiteza de espírito nem cerrado nacionalismo, cuidando dos seus, unidos por vínculos entre os diversos grupos, raças, povos e nações, e mantendo-se na pureza de sua fé ainda que desmorerem os céus. Como cristãos devemos todos ter consciência da vocação e do papel que desempenhamos dentro da sociedade civil.

A Comunidade Civil e a Igreja. É de suma importância que tenhamos um correto conceito dentro da sociedade civil pluralista com respeito às relações entre a comunidade civil-política e a igreja, e saber distinguir entre a ação individual que exercem para o bem de sua comunidade a título pessoal, e a ação que realizam, em nome da igreja, como ministros, missionários, educadores e administradores. A igreja, em razão de sua missão, e de sua competência, não se confunde de modo algum com a comunidade civil-política, nem está ligada a sistema político algum, por ser sua natureza divina e salvaguarda da vida transcendente da pessoa humana. A comunidade política e a igreja são independentes, cada uma atuando autonomamente em seu próprio terreno. Ambos os poderes têm suas próprias doutrinas, seus sistemas próprios, campos de aplicação próprios e finalidades próprias. A comunidade civil-política é temporal, e a igreja pertence ao reino eterno, mas cada

uma sem desconhecer a realidade existencial da outra. Ambas as comunidades, por diferentes títulos, estão ao serviço do homem. A Igreja jamais deve estar a serviço do Estado, como não deve o Estado prestar tutela à Igreja, exceto no que se refere a leis justas, outorgando-lhe garantias constitucionais de proteção legal. O Estado não deve invadir o terreno da Igreja, nem deve esta pretender faculdades que só cabem ao poder civil. A igreja fundada no seio da comunidade, pregando a verdade evangélica e a vigência da imutável lei de Deus, iluminando a todos os setores da ação humana com o testemunho de uma vida consagrada ao serviço do homem, está no domínio de sua autoridade. Certamente, as realidades temporais e as espirituais têm vinculação entre si, já que a mesma igreja se serve de meios temporais que lhe sejam lícitos e possíveis, segundo o exigem suas próprias funções. Por exemplo, os bens e serviços que facilitam o avanço da obra. Não põe, todavia, sua esperança em privilégios providos pelo poder civil. E mais, renunciando ao exercício destes privilégios e direitos que poderiam empanar ou comprometer a pureza de sua fé e fiel testemunho.

A política serve para mudanças de estruturas sociais e a igreja existe para restaurar no homem a imagem de Deus, o Criador. Por essa razão a igreja e os cristãos devem manter neutralidade política, embora devam cumprir com zelo os seus deveres cívicos. Cristo é o supremo exemplo do perfeito equilíbrio de obediência à vontade de Deus e o respeito às normas do poder temporal. Cristo cumpriu a lei de Deus e a lei civil em Sua pátria. Nunca participou de política. Daniel também é modelo de cidadão temporal com perfeita projeção transcendente. Não deve tampouco a igreja envolver-se em doutrinas e teorias alheias à revelação dada por Deus e contida na Bíblia. Muitas doutrinas sociais, religiosas, políticas, como o "Evangelho Social", apareceram nos últimos tempos no seio da igreja católica e de outras confissões que perseguem dupla finalidade: Política e Religião. Em 1958, no Congresso Comunista de Milão, o líder máximo do marxismo, Togliatti, fez um fervoroso chamado às igrejas cristãs com estas palavras: "Podemos aproveitar a consciência de justiça social que há na doutrina cristã. A própria religião pode ser um instrumento para propagar nosso sistema. Po-

demus dizer aos católicos que entre nós há algo em comum, isto é, o mútuo anelo de justiça social. Por que não colaborarmos unidos para este ponto de apoio e convergência?" Lamentavelmente parte da igreja católica aceitou este chamado do comunismo internacional. Os partidos políticos como "Social Cristão", "Democracia Cristã" e "Ação Popular Cristã", além de outros, se formaram com o apoio da igreja católica. Também do humanismo político se contaminou a igreja. Esta doutrina social propugna pela perfeição do homem com base em leis puramente civis, e a tecnocracia estatal considera que a perfeição se encontra na própria natureza humana, desconhecendo os valores morais e espirituais. O humanismo bíblico é transcendente, reformando o homem com mentalidade espiritual, cujo destino vai além do bem temporal. Também o existencialismo cristão é uma doutrina filosófico-religiosa e é a tendência do materialismo histórico que se introduziu no seio das igrejas cristãs.

Situação Jurídica da Igreja Adventista

A igreja adventista do sétimo dia é aceita pelo poder civil como organização cristã de pessoa jurídica de direito privado, dentro das normas do direito público internacional. Isto significa que suas relações no plano temporal com outros assuntos de direito, o Estado antes de tudo, e a própria comunidade internacional, se regem pelo direito dos povos que os países aceitam e amparam em sua legislação civil. Desde sua constituição legal a igreja adventista mantém a neutralidade política, cumprindo exclusivamente seus fins estatutários, no respeito a toda forma de governo civil, mantendo-se absolutamente à margem do poder político, e como igreja de Jesus Cristo se preserva em sua autonomia e independência, obedecendo ao mando de Cristo: "É-Me dado todo o poder no Céu e na Terra. Portanto ide, e ensinai as nações". S. Mat. 28:18.

A igreja adventista do sétimo dia mantém em seu sistema religioso a obrigatoriedade de obediência à lei de Deus, segundo a palavra: "À lei e ao testemunho", e é uma igreja incorruptível e cheia de paciência, a paciência dos santos, que mantém inelével o sinal: "Guarda os mandamentos de Deus e a fé de Jesus". Apoc. 14:12.

Camões e as Sagradas Escrituras

AINDA hoje historiadores há que se comparam em afirmar que a Idade Média foi “uma longa noite de trevas”. O amor das artes e das letras teria se extinguido totalmente nesse período da história da humanidade. Com um pouco de atenção, porém, vê-se quão falsa é tal suposição. O facho imortal da ciência, das artes e do belo jamais se extinguiu totalmente. Houve, isto sim, um declínio. De fato, a cultura greco-latina sofreu um abatimento considerável sob a agitação produzida pelas invasões bárbaras; a partir desse momento, o mundo começou a organizar-se levando em conta o fator germânico. Com suas fortes qualidades de raça, o teutão contribuiu para a florescência da civilização de que se apropriou e na qual modelou a sua mentalidade. Nas formas latinas, já tradicionais, inoculou o espírito germânico, o sentimento de liberdade pessoal que desaparecera sob o despotismo do Estado romano. Já no fim da Idade Média, a crescente prosperidade dos povos, a liberdade das cidades mais importantes da Europa, os benefícios de um espírito mais liberal acabaram, por fim, por criar, ao lado da cultura eclesiástica — a única existente na baixa Idade Média — uma cultura secular. Aí está o germe do espantoso desenvolvimento da Idade Moderna. Fatos múltiplos prepararam o movimento característico que pôs fecho à Idade Média (1453): a tomada de Constantinopla pelos turcos, a imprensa, a descoberta da pólvora e da bússola e, por fim, as vitórias sobre mares “nunca dantes navegados”. Surgiu, com esses elementos em estado de fermentação, o chamado *Renascimento*: um novo renascer (pois já houvera, na Idade Média, outros Renascimentos) das artes, ciência e belas-letas.

A nova era — o Renascimento — foi aberta na Itália, tendo Dante como precursor, seguido de Petrarca e Boccaccio. O Papa Leão X logo começou a proteger os artistas e os escritores, juntamente com os demais membros da família dos Médicis. Da Itália o movimento passou para a Alemanha e de lá generalizou-se, penetrando em todos os países europeus, inclusive em Portugal.

A Idade Média foi um período eminentemente teocrático. A idéia de Deus estava firmemente arraigada em todos os espíritos. A Igreja Católica, detentora de privilégios ímpares, dominava as consciências e os espíritos. O papado, ao lado do feudalismo, completava o binômio “poder-espiritual versus poder-secular”. Era uma época de fé. Depois que o suave misticismo de São Bernardo, no século XII, iniciou um trabalho admirável sobre a Paixão de Cristo, a sensibilidade religiosa da alma medieval não mais cessou de desenvolver-se. Referem os cronistas da época que o povo, em massa, chorava quando ouvia a leitura da Paixão e Morte de Cristo, feita por um leitor que tinha boa dicção e capacidade fônica. O espírito popular estava impregnado dos conceitos de Cristo e da Cruz. Desde a mais tenra idade, a imagem da Cruz implantava-se no sensível coração infantil. Quando Jean Gerson era criança, viu o pai encostar-se a uma parede, abrir os braços em cruz e exclamar: “Foi assim, meu filho, que crucificaram o teu Deus, aquele que te criou e te salvou.” O povo não sabia ler, mas era freqüente encontrar-se em plena Idade Média (do século IX ao XIII) pessoas que sabiam a Sagrada Escritura de cor, ou ao menos substanciosos trechos. O povo tinha preferência pelos textos que relatavam o nascimento e a morte do Salvador; do Antigo Testamento — sempre segundo os cronistas medievais — gostavam de recitar as histórias de Davi, de

Tobias, de Judite, Ester e Jó. Os Salmos eram conhecidos apenas em pequenos trechos, ao passo que os profetas, Isaías, Jeremias, Daniel e outros eram recitados de cor, pelo menos nas suas partes mais importantes. Não havia quem não conhecesse a tocante história dos Macabeus. O pobre povo medieval não só conhecia as Sagradas Escrituras, mas as vivia. Referem os cronistas da época que um pregador interrompeu o sermão por um quarto de hora e permaneceu silencioso com os braços em cruz; os fiéis, choravam. Uma pobre freira que levava lenha para a cozinha do mosteiro, imagina-se transportando a Cruz do Salvador. Uma cega que lava a roupa toma a selha pela manjedoura, e a casa de lavar pelo presépio. Os pregadores, sempre, começavam e terminavam seus sermões com citações das Sagradas Escrituras. Não raro, o pregador limitava-se a relatar um fato bíblico, e, ao fim, aplicava-o à sua comunidade. Como se vê, era uma época em que a Palavra de Deus gozava de grande prestígio.

Nos albores do século XVI, outro era o aspecto da Europa.

O Renascimento e o Humanismo trouxeram novas idéias. Já agora não Deus, mas o Homem era o centro do Universo.

Surge a escola chamada Clássica, que toma como modelo as obras imortais gregas e latinas. É um neo-paganismo que se insinua na Europa cristã. Em lugar da Bíblia, as obras de Cícero.

Os prelados da Cúria Romana negam-se a ler a Bíblia na versão da Vulgata (feita por São Jerônimo), porque o Latim em que é vazada lhes fere a sensibilidade do ouvido acostumado com o Latim dos poetas e proadores da Idade Áurea da Literatura Latina. Cardeais recusam-se a ler em Latim as Epístolas de São Paulo, porque elas não foram redigidas com pureza ciceroniana. Os

novos modelos são os clássicos da latinidade: Cícero, Vergílio, Ovídio, Horácio . . .

É a época do grande desprestígio da Bíblia no seio das comunidades católicas.

Mas Lutero, que fizera a tradução da Sagrada Escritura para o alemão (uma atitude sem precedentes, considerada audaciosa), incita os seus seguidores a lerem a Bíblia. É ela a palavra de Deus, o alimento da alma. Percebe-se, então, esta coisa singular: Lutero e os protestantes, ardentes adeptos da leitura da Bíblia; os católicos, esquecidos da Palavra do Senhor.

Veio a corrupção, a imoralidade, o esquecimento das leis divinas. É a época dos grandes excessos.

Humanistas como Erasmo de Roterdão, Guillaume Bidet, Sículo, Mateus de Pisano, Baldino e outros mais, além dos portugueses Aires Barbosa, Pedro Nunes, Lourenço de Cáceres, Jorge Coelho, Diogo Sigeo, Pedro Sanches, Pedro Margalho, André de Resende, Jerônimo Cardoso, Damião de Góis e mais uma plêiade que seria ocioso enumerar, pouco ligavam à Bíblia, voltados que estavam para as obras mestras da Literatura Latina pagã. É verdade que Erasmo fez uma edição crítica das Sagradas Escrituras, mas não por espírito de fé; apenas para exercitar seu senso crítico. Todos esses autores, latinistas de alto coturno (e alguns eminentes helenistas), escreviam suas obras geralmente em Latim. Usavam o Latim clássico, não o popular das Escrituras.

xXx

O petrarquismo, de algum modo ligado à cortesia trovadoresca, à qual se acrescentou uma dimensão metafísica, tem início, em Portugal, com Sá de Miranda.

O petrarquismo, do qual decorrem numerosas implicações ideológicas e formais, articula-se sobretudo, na criação de um tipo idealizado de mulher, objeto inacessível, porque divinizado, de uma paixão jamais satisfeita, porque humana. Ela caracteriza-se por condensar todas as perfeições espirituais que podem justificar o êxtase e a contemplação do poeta — amor só realizável através da fusão do espírito dos dois amantes: “Transforma-se o amador na coisa amada”, dirá Camões.

Neste contexto clássico-petrarquista não há lugar para o “amor divino do bom Salvador que por nós morreu na Cruz.” A estética clássica cria uma imagem “teórica” da Vênus ideal. É o amor carnal, platônico ou não do petrarquismo clássico. Há um novo enfoque na concepção da Mulher. O episódio camoneano da “Ilha dos Amores” é significativo. Em linhas gerais, pode-se dizer que a Mitologia superou a Bíblia.

Camões não fugiu à regra dos poetas quinhentistas. Está inteiramente voltado para a Mitologia greco-latina. O seu Humanismo é visceralmente renascentista, assim como a reflexão filosófica que informa tanto a lírica como a epopéia camoneana.

Mas, não obstante, Camões serviu-se abundantemente da Bíblia na sua vastíssima obra. Conhecia profundamente as Sagradas Escrituras. Sabemos que o nosso Homero Português tinha sólidos conhecimentos de Teologia. Onde os adquiriu, ignoramos. Toda a obra camoneana está cheia de citações e reminiscências bíblicas, em geral com tom suavemente afetivo, o que bem indica o caráter religioso de Camões.

Nas suas Cartas aparecem expressões bíblicas, em Latim, como era costume no tempo: *Et vinum laetificat cor hominis*, “E o vinho alegra o coração do homem”; *Cum Gladiis et fustibus*, “Com espadas e varapaus” (episódio da Paixão de Cristo); *In vanum laboraverunt*, “Em vão trabalharam...” *In circuitu impii ambulat*, “Os ímpios andam à roda”, isto é, os caminhos do vício são tortuosos, frase do Salmo XI; *Pater peccavi in caelum et coram te*, “Pai, pequei contra o Céu e contra ti”...

Nas Líricas, são sem número as citações bíblicas. Todos conhecem o formoso soneto camoneano,

“Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
Que ela só por prêmio pretendia.
Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.
Vendo o triste pastor que com enganoso
Lhe fora assim negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,
Começa a servir outros sete anos,
Dizendo: — Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida!”

Este soneto refere-se ao episódio bíblico que vem narrado no Gênesis, 29:1-30.

São, também, conhecidas as redondilhas

“Sobolos rios que vão
Por Babilônia, me achei
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião
E quanto nela passei.
Ali, o rio corrente
De meus olhos foi manando;
E, tudo bem comparado,
Babilônia ao mal presente,
Sião ao tempo passado ...

.....

E se eu cantar quiser,
Em Babilônia sujeito,
Hierusalém, sem te ver,
A voz, quando a mover,
Se me congele no peito ...”

Temos, aqui, a paráfrase do formoso Salmo CXXXVI.

No soneto 113, Camões, de modo enigmático, refere-se à corrupção do seu tempo, usando de expressões bíblicas:

“Cá nesta Babilônia, donde mana
Matéria a quanto mal o mundo cria,
Cá onde o puro Amor não tem valia,
Que a Mãe, que manda mais, tudo profana;

Cá, onde o mal se afina e o bem se dana,
E pode mais que a honra a tirania;
Cá, onde a errada e cega Monarquia
Cuida que um nome vão a Deus engana;
Cá neste labirinto, onde a nobreza
Com esforço e saber pedindo vão
As portas da cobiça e da vileza;
Cá neste escuro caos de confusão,
Cumprindo o curso estou da Natureza.
Vê se me esquecerei de ti, Sião!"

Mas onde mais se percebe o amor de Camões pelas Sagradas Escrituras é no poema épico "Os Lusíadas", publicado pela primeira vez em 1572. De feito, para começar, o nome de Cristo vem citado 21 vezes no decurso da epopéia. O nome de Jesus, 3 vezes:

"Que assim dos Vates foi profetizado,
E depois por *Jesu* certificado" (III, 117)

"Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as relíquias santas e benditas
Do corpo de Tomé, barão sagrado,
Que a *Jesu* Cristo teve a mão no lado"
(X, 108)

"Viram todos o moço, erguido,
Em nome de *Jesu* crucificado . . ."
(X, 155).

Estes últimos versos, do Canto X, relatam, a partir da oitava 109, a história de Tomé, o apóstolo, que, no Oriente, pregou a palavra do Senhor, deu saúde aos doentes e vida aos mortos, e praticou inúmeros milagres, segundo a tradição.

São sem conta as expressões bíblicas que usa em toda a sua obra, notadamente no poema épico. Citarei, apenas, uma, que é a versão do Salmo 8, versículo 3:

"Da boca dos pequenos sei, contudo,
Que o louvor sai às vezes acabado"
(X, 154).

O referido Salmo traz: "Da boca das crianças e dos pequeninos sai um louvor . . ." Conforme o texto da Vulgata: *Ex ore infantium et lactentium perfecisti lauden . . .*

O nome de Davi aparece no poema 2 vezes:

"Que o filho de *Davi* nos ensinou . . ."
(I, 71).

"Do pecado tiveram sempre pena
Muitos, que Deus o quis e permitiu:
Os que foram roubar a bela Helena,
E com Ápio também Tarquino o viu.
Pois por quem *Davi* santo se condena?
Ou quem a tribo ilustre destruiu
De Benjamim? Bem claro no-lo ensina
Por Sarra Faraó, Siquém por Dina"
(III, 140).

Esta oitava exige algumas explicações. Primeiramente, no verso 71 da I estrofe, por "filho de Davi" entende-se o Cristo. Na oitava 140, Camões mistura Mitologia com textos bíblicos. Refere-se ao tocante episódio que vem relatado em II Samuel, 11:1-27. "Benjamim" diz respeito à tribo (no tempo de Camões este substantivo era do gênero masculino) de Benjamim, que foi chacinada em virtude de alguns homens dela terem praticado atos lascivos numa mulher da tribo de Levi; "Sarra" é Sara, mulher de Abraão, que o faraó quis seduzir; Deus puniu-o; "Siquém" é filho de Hemor; raptou Dina e violentou-a; "Dina" é filha de Jacó e Lia; seus irmãos, Simeão e Levi, mataram Siquém.

O legislador Moisés também comparece no poema:

"Olha as águas, nas quais abriu patente
Estrada o grão *Mousés* na antiga idade"
(X, 98).

São Pedro, o chefe dos Apóstolos, vem no Canto IV, oitava 13:

"Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a própria e natural fidelidade,

Negam o Rei e a Pátria, e, se convém,
Negarão, como *Pedro*, o Deus que tem."

O episódio tocante da "negação de Pedro" está em S. Mateus 26:69-75; S. Marcos 14:66-72; S. Lucas 22:55-62; e S. João 18:15-27.

Saul aparece no poema no Canto III, estrofe 111:

"Qual o membrudo e bárbaro Gigante,
Do rei *Saul*, com causa tão temido . . ."

O patriarca Abraão figura no Canto I, estrofe 53:

“O claro descendente de *Abraão*”, isto é, Maomé, que teve a “mãe hebréia e o pai gentio”.

Hagar aparece 3 vezes: III, 26; III, 110; e VIII, 47.

Já Babel, símbolo da confusão, que aparece inúmeras vezes nas poesias líricas, figura, apenas, 3 vezes nos *Lusíadas*:

“Entram no Estreito Pérsico, onde dura
Da confusa *Babel* inda a memória . . .”
(IV, 64).

“Os ventos eram tais, que não puderam
Mostrar mais força de impito cruel,
Se pera derribar então vieram
A fortíssima torre de *Babel* . . .” (VI,
74)

“ mas, no tempo já passado,
Na Torre de *Babel* lhe foi vedado” (VII,
45).

O nosso pai Adão figura em 2 excertos:

“Que, desde *Adão* pecou aos nossos
anos,
Não as romperam nunca pés humanos”
(IV, 70).

“Na geração de *Adão*, co a falsidade . . .”
(VIII, 65).

Benjamim, o filho mais jovem de Jacó, chamado *Benoni*, isto é, “filho-da-minhador”, figura no Canto III, estrofe 140. Ismael aparece no Canto IV, 63.

Os anjos são citados 3 vezes:

“Dos *Anjos*, que tão longe nos guiou”
(V, 60).

“Que os *Anjos* de celeste companhia”
(X, 84).

“Mas os *Anjos* do Céu cantando e rindo . . .” (X, 118).

Também o inimigo do gênero humano, o demônio, é citado 3 vezes:

“A segundo o *Demônio* lhe fingia” (VII,
47).

“A quem tem o *Demônio* leis escritas (X,
108).

“*Demônios* infernais, negros e ardentes”
(X, 148).

Uma só vez o Poeta usa a forma reduzida eufêmica: “Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro” (VIII, 46).

Por último, Maria, mãe de Jesus, aparece no poema uma vez:

“Quando na Cruz o filho de *Maria* . . .”
(III, 45).

O patriarca Noé vem citado no Canto VII, 75, e Gabelo, que acolheu Tobias, no Canto V, 78:

“ . . . Um padrão nesta terra alevantamos
Que, pera assinalar lugares tais,
Trazia alguns; o nome tem do belo
Guiador de Tobias a *Gabelo*”.

O “guiador de Tobias é o Arcanjo São Rafael. Guiou Tobias filho a casa de Gabelo, a fim de receber a importância que Tobias pai lhe emprestara.

Dos topônimos, além de Babel, já mencionada, Camões alude a Belém (X, 12); Jerusalém (III, 27; VII, 6); Judéia (III, 27; III, 72; III, 86 e IX, 34); Samaria (VII, 39); Jordão (III, 27) e Paraíso (IX, 5; IX, 57).

Para concluir este rápido apanhado das influências bíblicas em Camões, quero registrar que o nosso Poeta não se esqueceu dos Reis Magos:

“Trazia o Sol o dia celebrado
Em que três *Reis* das partes do Oriente
Foram buscar um Rei, de pouco nado,
No qual Rei outros três há juntamente . . .” (V, 68).

Os versos camoneanos referem-se aos que relata S. Mateus 2:1-12. Eram os magos (palavra iraniana, em Latim *magnus, magi, mágos* em Grego) os sacerdotes da antiga religião de Zoroastro. Segundo Mateus, 3 magos vindos do Oriente e conduzidos por uma estrela, vieram adorar o menino Jesus em Belém. A tradição cristã fez desses magos reis poderosos, cujos corpos estão conservados na catedral de Colônia, na Alemanha. Chamavam-se, ainda segundo a tradição, Baltasar, Gaspar e Melchior. A perífrase camoneana diz respeito ao Dia dos Reis, isto é, 6 de janeiro. “Um Rei” é Cristo; “de pouco nado”, recém-nascido; o último verso citado alude ao mistério e dogma da Santíssima Trindade: Um só Deus em 3 pessoas realmente distintas, Pai, Filho e Espírito Santo.



SOBRE O MOVIMENTO CARISMÁTICO

Nota: O movimento carismático continua a crescer, especialmente na igreja católica. Em vista disto cremos que estas notícias um pouco mais extensas extraídas do Religious News Service serão devidamente apreciadas, principalmente consideradas à luz do que entendemos está para ocorrer no mundo religioso precisamente antes do derramamento do Espírito Santo na chuva serôdia. Em relação com isto insistimos que se estudem os capítulos finais de O Conflito dos Séculos, bem como outros trabalhos da pena de Ellen G. White, que se relacionem com este assunto.

CATÓLICOS E PROTESTANTES JAPONESES PATROCINAM SEMINÁRIO CARISMÁTICO

Tóquio. — A não ser por um crucifixo que dominava a parede por trás do púlpito, ninguém sabia que se estava numa igreja católica romana. Católicos e protestantes, representando 35 denominações, reuniram-se no sexto Seminário Carismático Anual, em Hatsudai, na principal igreja católica daqui.

Uma longa série de seminários desse tipo fora realizada durante o mês de outubro em todo o Japão, num esforço para ensinar a união espiritual, embora o que eles denominam “Renovação Carismática” esteja sendo apresentado como não sendo de modo algum “ecumenismo”, segundo afirmação do Rev. Lester A. Pritchard, líder canadense dos seminários japoneses.

Não obstante a declaração acima de que esse movimento não é ecumênico, nele estão envolvidos do modo mais completo batistas, católicos, cristãos reformados e outros.

LÍDER DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA ESPERA “CALOROSA ACOLHIDA” EM ROMA ESTE ANO

St. Paul, Minn. — Católicos romanos carismáticos receberão “calorosa acolhida” quando forem a Roma em maio para a sua conferência internacional de 1975, é o que prediz aqui o líder do carismatismo católico, Kevin Ranaghan de South Bend, Indiana. O Rev. Kevin esteve em Roma preparando o conclave recentemente, e disse que provavelmente as reuniões se realizarão numa grande tenda a ser erigida sobre as catacumbas de São Calixto.

Programada como Semana Pentecostal a realizar-se de 16-19 de maio, a conferência marcará o primeiro ajuntamento em grande escala de católicos carismáticos no centro mundial do catolicismo — Roma.

DOCUMENTO DE ANÁLISE PASTORAL-TEOLÓGICA DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA

Nova Iorque. — Um documento destinado a prover análise teológica e pastoral do Movimento Católico de Renovação Carismática “para os que precisam fazer juízo” sobre o movimento, foi formulado na Bélgica por um grupo internacional de líderes teólogos e leigos, e está agora sendo posto à disposição dos bispos católicos norte-americanos. O documento compreende 71 páginas e afirma que “a renovação é da igreja e na igreja, e está se espalhando”, e que “há todas as indicações de que será uma permanente expressão da vida da igreja.

ORIENTAÇÃO DOS BISPOS CATÓLICOS DOS EE. UU. SOBRE O MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO CARISMÁTICA

Uma comissão da Conferência Nacional de Bispos Católicos (CNBC) criou um documento de orientação para o movimento de renovação carismática, o qual convoca os bispos para que se unam aos padres na busca de meios que "relacionem o movimento carismático com toda a igreja". "Encorajamos os que pertencem ao movimento, e sustentamos como positiva e desejável a orientação da Renovação Carismática". A declaração é da Comissão de Pesquisa e Prática Pastoral.

Insistindo em que a afirmação está de acordo com a Comissão mas não partiu da Conferência dos Bispos, o arcebispo John R. Wuinn de Oklahoma City, presidente da Comissão, disse na reunião geral da CNBC que a declaração era basicamente de total aprovação da Renovação Carismática.

CITADO O RECONHECIDO CRESCIMENTO DO CARISMATISMO CATÓLICO NO MUNDO

Atlantic City. — Um porta-voz da Renovação Carismática na igreja católica disse a 10 mil participantes de uma conferência regional aqui, que há um reconhecido crescimento de "comunidades carismáticas" no mundo inteiro católico, ou melhor, na igreja católica de todo o mundo, e uma visível "convergência" de pontos-de-vista entre o Movimento Neo-Pentecostal e o Sínodo dos Bispos de Roma.

Ralph Martin, redator do jornal nacional carismático *New Covenant*, de Ann Harbor, Michigan, e coordenador da comunidade denominada ali Palavra de Deus, declarou: "Cada vez mais o Senhor deseja ver-nos ... na Renovação Carismática preocupados com a igreja mundial, e com o que está acontecendo ao redor do mundo em relação ao povo de Deus. ... Devemos cumprir a missão que Jesus nos legou, fazendo discípulos em todo o mundo. O testemunho da igreja unida é uma necessidade no mundo.

0 MINISTÉRIO adventista

O MINISTÉRIO ADVENTISTA — Publicado bimestralmente pela ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO 7.º DIA — Editado pela Casa Publicadora Brasileira, Av. Pereira Barreto, 42 — 09000 - Sto. André, São Paulo.

Ano 41 Setembro-Outubro, 1975 N.º 5

Esta revista acha-se registrada no DCDP do DPF sob n.º 899 — P. 209/73

DIRETOR —

RUBÉN PEREYRA

GERENTE GERAL —

BERNARDO E. SCHÜNEMANN

REDATOR —

CARLOS A. TREZZA

COLABORADORES —

R. A. WILCOX, ENOQUE DE OLIVEIRA

DEPTO. DE ARTE —

HENRIQUE C. KAERCHER

Assinatura Anual Cr\$ 48,00
US\$ 6,00

Número Avulso Cr\$ 8,00
US\$ 1,00

NESTE NÚMERO

De Coração a Coração

O Problema de Howard . 2

Evangelismo

Compreendendo o Alcoólatra 4

Artigos Gerais

Carta Aberta ao Presidente da Associação Geral ... 7

As Primeiras Coisas Primeiras 10

Igreja e Estado: Poderes Independentes 15

Camões e as Sagradas

Escrituras 18

Notas Breves

Sobre o Movimento Carismático 23